

GLAUBER LANÇA "A HISTÓRIA DO BRASIL" NO FESTIVAL DE PESARO

Diário da Noite - Edição Matutina - S. Paulo
20-Setembro-1975

PESARO (ANSA) — Inesperadamente e fora do programa, como o nevoeiro que cobriu a cidade à tarde, foi exibido no Décimo-primeiro Festival do Cinema Novo de Pesaro, em primeira exibição mundial, o filme "A História do Brasil", de Glauber Rocha.

Filme realizado em 1972, mas terminado este ano, "A História do Brasil" é um longo documento de duas horas e 45 minutos dividido em duas partes bem precisas, do ponto de vista da realização tanto quanto da concepção política.

Praticamente, a maior parte da fita está dedicada à uma história do Brasil, narrada por dois locutores (que na versão atual, falam em francês) que se limitam a traçar em breves pinceladas os momentos mais importantes dos 450 anos de vida do Pa.s, vistos sob a ótica marxista.

Para ilustrar estas informações, em cuja profusão e concisão, além de não inteirado ainda que minimamente na História do Brasil, se perderia imediatamente, Rocha utiliza um material heterogêneo, consistente em gravuras da época, mapas, retratos e pedaços de filmes que em alguns casos tem algo que ver com o que se está narrando na faixa sonora.

Enquanto as informações históricas são sucintas e rápidas desde o descobrimento da América até o século dezenove incluído, a partir sobretudo de 1930, ano da Revolução de Getúlio Vargas, o comentário torna-se mais rico e espalha-se mais sobre as conotações políticas. As imagens começam a ter uma relação mais direta com o som e tudo se torna mais coerente e menos dispersivo.

Os últimos três rolos, praticamente a última meia-hora, é, ao contrário, um resumo ideológico do filme e um plano político para o futuro. As imagens tornam a perder ligação direta com o som e consistem em material de repertório das mais diversas origens, comentando muitas vezes com canções populares.

É aqui que Glauber realiza o seu trabalho mais pessoal, seja dividindo os personagens mais notórios da atualidade política brasileira em "reprobos" e "eleitos", seja assentando as linhas do que em sua opinião parece ser o caminho da libertação que se deve seguir.

Até aqui a descrição física da obra: Como todo filme de Rocha, teve a virtude de tirar da letargia um festival latino-americano que se espalha sobremaneira em retrospectivas e se fixa pouco em obras novas. Deve-se reconhecer que o período atual é bastante difícil para o cinema da região, sobretudo pelo clima de restauração que se respira

em vários países da América Latina.

Como sempre, Rocha é cortante e até convincente em suas opiniões. É difícil crer, porém, no distanciamento procurado pelos fragmentos de filmes que nada têm que fazer com o sentido do narrado; em muitos casos, consegue-se uma confusão que é evidentemente indesejável.

Segundo Rocha, o seu filme é "uma exposição material e dialética da história do Brasil: "as imagens fixas ou em movimento, são os documentos históricos e o texto é a informação histórica e o comentário crítico das imagens montadas cronológica e dialeticamente".

Com sua fita, Glauber quer dar uma imagem que esteja mais além da "matéria história que é feita porque é o produto de uma sociedade colonizada onde a arte é a "falsa beleza" da classe dominante. Que imita a explosão da verdadeira beleza popular".

Com tal critério, as imagens são tomadas de documentários da época ou dos artistas que como Portinari na pintura ou o "cinema novo" no cinema contribuíram ao que Rocha chama a "produtividade visual da cultura brasileira". Por isso mesmo, a música que se escuta é exclusivamente popular ou está integrada por composições de Heitor Villa Lobos, "a maior incorporação do sentimento libertário da sociedade brasileira", na opinião do diretor.

Filme equivocado ou fracassado para alguns, estimulante ou bem sucedido para outros, "a história do Brasil" é um documento raro: é a obra de um diretor personalíssimo que nem mesmo tentando um didatismo chão, é capaz de renunciar a seu mundo próprio.

SAN SEBASTIAN — (ANSA) — "Fatti di gente perbene", dirigido por Mauro Bolognini, o primeiro filme italiano exibido no Festival Internacional de Cinema de San Sebastian nesta XXIII edição, foi alvo de crítica ao mesmo tempo elogiosa e negativa, tanto por parte da crônica local como da paulista.

O matutino "Nuevo Diário", da capital espanhola, destaca que "Bolognini volta a demonstrar que é o verdadeiro continuador do esteticismo de Visconti" e observa que "o trabalho do diretor de fotografia, ambientação, decoração, vestuários, são esplêndidos, mas que "o espectador se perde na contemplação de tanta beleza inútil de uma plasticidade decadente, de efeitos pictóricos, que nada acrescentam ao con-

teúdo do filme, que prejudicam o trabalho dos atores e a continuidade dramática e narrativa da história".

"ABC" considera por sua vez que "é uma lástima que toda a elegância, toda a finura de que dispõe Mauro Bolognini se desperdice nas bizarras externas do cinema de qualidade" e que "estamos ante umas imagens de primeira ordem", mas que "não se consegue, em troca, o objetivo fundamental da história de que Bolognini quer relatar".

"Demasiado frio o trabalho de Catherine Deneuve e pouco adequado o desse magnífico ator que, para outros trabalhos é Giancarlo Gianini", acrescenta o cronista paulista, bem como que "o melhor de Bolognini, sua dicção cinematográfica preciosista. O menos bom, aquilo que diz".

"Arriba" menciona apenas a exibição do filme italiano, embora indique que "pode ser um best seller".

ADAMO NO "MOLIERE"



Para a festa de entrega dos prêmios Molière (teatro) e Air France de cinema, a ser realizada no dia 8 de outubro, no Teatro Municipal de São Paulo, o cantor italo-francês Salvatore Adamo, artista exclusivo da Gravadora Odeon. Adamo também se apresentará em Brasília (espetáculo beneficente) e no Rio de Janeiro (entrega dos prêmios Molière locais).

GR-HI. 02/002